

19º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

9 a 12 de julho de 2019

UFSC – Florianópolis, SC

GT 35: Sociologia do Esporte

O FUTEBOL GAÚCHO NA PERSPECTIVA DA DECOLONIALIDADE

Otávio Nogueira Balzano – UNILASALLE – Canoas/RS – Bolsista CAPES

João Alberto Steffen Munsberg – UNILASALLE – Canoas/RS – Bolsista CAPES

Gilberto Ferreira da Silva – UNILASALLE – Canoas/RS – Pesquisador CNPq

Cristiane Feldmann Dutra – UNILASALLE – Canoas/RS

Resumo

Este texto tem como tema o futebol na perspectiva da decolonialidade, com foco no futebol gaúcho. Objetiva-se demonstrar que o futebol gaúcho, apesar da ocorrência de atitudes preconceituosas e de seguir a lógica colonial capitalista, é uma ferramenta importante no processo decolonial. Em termos metodológicos, trata-se de estudo de cunho bibliográfico exploratório, discutindo o futebol como ferramenta decolonial, tendo como exemplo processos decoloniais dos dois principais clubes de futebol da cidade de Porto Alegre. Como suporte teórico para esta reflexão, utilizam-se pressupostos de pesquisadores que propõem um “pensamento outro”, um modo outro de pensar. Conceitos como “colonialidade do poder”, “sistema-mundo”, “decolonialidade”, “transmodernidade” e “pensamento outro” fundamentam esta reflexão. Constata-se que o futebol é uma potente ferramenta de inclusão social e conscientização, além de moldar a identidade e contar a história de diversos povos ao longo dos tempos. Os exemplos apresentados neste trabalho atestam a potencialidade do esporte, mais especificamente o futebol, como ferramenta e estratégia para a decolonização em busca de uma atitude “outra”.

Palavras-chave: Decolonialidade; futebol; preconceito; inclusão social.

1 ENTRADA EM CAMPO – Introdução

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que o futebol, o esporte mais praticado no mundo, apesar da ocorrência de atitudes preconceituosas (racismo, xenofobia, violência, homofobia, sexismo) e de seguir a lógica colonial capitalista, é uma ferramenta importante no processo decolonial¹, exatamente por ajudar a combater essas atitudes preconceituosas. Além disso, tem a possibilidade de quebrar a tradicional divisão periferia-centro do “sistema-mundo”², conceito cunhado por Immanuel Wallerstein em 1974.

¹ Neste texto, opta-se pelo termo *decolonial*. Para Ballestrin (2013), a expressão “decolonial” não pode ser confundida com “descolonização”. Em termos históricos e temporais, esta última indica uma superação do colonialismo. Por seu turno, a ideia de decolonialidade indica exatamente o contrário e procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder. Trata-se de uma elaboração cunhada pelo grupo Modernidade/Colonialidade nos anos 2000 e que pretende inserir a América Latina de uma forma mais radical e posicionada no debate pós-colonial, muitas vezes criticado por um excesso de culturalismo e mesmo eurocentrismo devido à influência pós-estrutural e pós-moderna. O giro decolonial procura responder às lógicas da colonialidade do poder, ser e saber, apostando em outras experiências políticas, vivências culturais, alternativas econômicas e produção do conhecimento obscurecidas, destruídas ou bloqueadas pelo ocidentalismo, eurocentrismo e liberalismo dominantes.

² Segundo o sociólogo estadunidense Wallerstein (2005), essa teoria salienta que o mundo, e não os Estados-nação, deveria ser a unidade principal de análise social. Sistema-mundo refere-se à

Em termos metodológicos, trata-se de estudo de cunho bibliográfico exploratório, apresentando a discussão do tema futebol gaúcho como ferramenta decolonial. Como suporte teórico para esta reflexão, utilizam-se pressupostos de pesquisadores que propõem um “pensamento outro”³, um modo outro de pensar.

Em um mundo globalizado, raízes do colonialismo ainda permanecem vivas na sociedade. Isto é, mesmo após o processo de emancipação política, as marcas da colonização persistem e ainda se reproduzem. Com a intenção de criticar e propor uma ruptura ao modelo hegemônico eurocêntrico, nasce o conceito de “pensamento decolonial/outro”, que para Mignolo (2010), consiste numa forma de “desobediência e reconstrução epistêmica”, um meio de eliminar a tendência provincial para fingir que os modos de pensar da Europa Ocidental são de fato universais, buscando a libertação social em relação a todas as formas de desigualdade, discriminação, exploração e dominação.

A partir dessa conjuntura, buscam-se mecanismos, dentro da modernidade, que possuam um potencial de contribuir nesse processo de decolonialidade. Conforme Pizarro (2014), o esporte é um desses mecanismos, principalmente o futebol, pois possui esse caráter “democrático”, tendo em vista ser praticado em diversos lugares do mundo e assistido por pessoas de todas as “raças e classes sociais”. Segundo o autor, o futebol, por si só, já possui, para os sul-americanos, um sentimento decolonial, do “sul global” se tornar “norte global” devido à força de suas seleções e de seus clubes em âmbito mundial.

Neste trabalho o foco é o futebol gaúcho, relatando-se fatos de discriminação, desigualdade e racismo verificados no âmbito desse esporte, bem como atitudes decoloniais realizadas pelos dois principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul. Também se mostram os grandes feitos esportivos conquistados por esses dois clubes, “quebrando” a tradicional divisão centro-periferia no futebol.

inter-regional e transnacional divisão do trabalho, que divide o mundo em países centrais, países semiperiféricos e países da periferia. Os países centrais concentram maior capital na produção e técnicas e o resto do mundo concentra na baixa qualificação, produção e extração de matérias-primas, reforçando constantemente o domínio dos países centrais.

³ Os autores do grupo “Modernidade/Colonialidade” usam frequentemente expressões como “pensamento-outro”, “conhecimento-outro”, etc. Nesse contexto, a palavra “outro” quer se referir não somente a qualquer perspectiva alternativa, que pode estar inserida em uma lógica de fundo que não é posta em questão. Quer significar uma mudança de ótica, de lógica, de paradigma (CANDAUI; OLIVEIRA, 2010).

Este texto está estruturado como uma partida de futebol. Começa-se com a *entrada em campo* – a introdução –, passa-se para a *bola em jogo* – a revisão de literatura –, abordando-se os conceitos decoloniais. Continua-se com aproximações às situações de preconceito e discriminação no futebol gaúcho, bem como atitudes decoloniais no futebol local. Finaliza-se com os feitos da dupla Grêmio-Nal, clubes que rompem a situação fundada no conceito de sistema-mundo. Conclui-se a pesquisa com o *final do jogo* – considerações finais sobre a temática pesquisada.

2 BOLA ROLANDO – Revisão Bibliográfica

Imagine-se uma partida de futebol; a bola rolando é o centro do evento esportivo. Nesse sentido, este capítulo corresponde ao desenvolvimento da temática, abarcando os assuntos supracitados.

2.1 Da colonialidade à decolonialidade

Para estudar o futebol moderno, é importante compreender a lógica da modernidade e da colonialidade. Também chamada de colonialidade do poder, trata-se de uma teoria da inter-relação entre as práticas e os legados do colonialismo europeu, tanto em ordens sociais como em formas de conhecimento. Segundo Pizarro (2014), a teoria descreve o legado vivo de colonialismo nas sociedades contemporâneas, na forma de discriminação social que sobreviveu ao colonialismo formal e tornou-se integrado em sucessivas ordens sociais.

O termo colonialidade do poder foi lançado em 1989 pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano. Trata-se de um conceito que exprime a ideia de que as relações de colonialidade, nas esferas econômica e política, não se extinguíram com a destruição do colonialismo. O conceito, segundo Ballestrin (2013, p. 99-100),

[...] possui uma dupla pretensão. Por um lado, denuncia “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial”. Por outro, possui uma capacidade explicativa que atualiza e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela modernidade.

Conforme Quijano (2005), colonialidade do poder, seria uma estrutura de dominação que submeteu a América Latina, a África e a Ásia a partir da conquista europeia. Para o sociólogo, o termo faz alusão à invasão do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. Dessa forma, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. Ainda segundo Quijano (2000, p. 342):

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social.

Mignolo (2005, p. 75), por sua vez, afirma que “[...] a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada”. Dussel (2000, p. 49) complementa ao referir que a modernidade é a “práxis irracional da violência”. Quijano (2005) sintetiza: a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos. Opera-se, então, a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus.

Nessa perspectiva de colonialidade, o sociólogo estadunidense Wallerstein (2005) traz o conceito de “sistema-mundo”. Para o autor, o conceito é uma abordagem que salienta que o mundo (não os Estados-nação) deveria ser a unidade principal de análise social. Sistema-mundo refere-se à inter-regional e transnacional divisão do trabalho, que divide o mundo em países centrais, países semiperiféricos e países da periferia. Os países centrais concentram maior capital de produção e técnicas e o resto do mundo concentra na baixa qualificação, produção e extração de matérias-primas, reforçando constantemente o domínio dos países centrais.

Mignolo considera a colonialidade como constitutiva da modernidade, para o autor “[...] nos ombros da modernidade está o peso e a responsabilidade da colonialidade” (2003, p. 38). Daí surge a perspectiva de introduzir epistemes invisibilizadas e subalternizadas (decolonizadoras), fazendo-se a crítica a

colonialidade do poder e o sistema-mundo, com destaque nessa crítica aparece o Grupo Modernidad/Colonialidad (GM/C)⁴.

Segundo Candau e Oliveira (2010, p. 23-24), um conceito central, introduzido pelo GM/C, tendo como autor Walter Mignolo, é o de diferença colonial:

[...] diferença colonial é entendida como pensar a partir das ruínas, das experiências e das margens criadas pela colonialidade do poder na estruturação do mundo moderno/colonial, como forma não de restituir conhecimento, mas de reconhecer conhecimentos “outros” em um horizonte epistemológico transmoderno, ou seja, construído a partir de formas de ser, pensar e conhecer diferentes da modernidade europeia, porém em diálogo com esta. A perspectiva da diferença colonial requer um olhar sobre enfoques epistemológicos e sobre as subjetividades subalternizadas e excluídas. Supõe interesse por produções de conhecimento distintas da modernidade ocidental.

Neste enfoque crítico à colonialidade eurocêntrica, o GM/C nos traz mais três conceitos: decolonialidade, transmodernidade e “pensamento outro”.

Decolonialidade não é apenas o processo de descolonização de um povo. Para Pizarro (2014), decolonialidade é termo usado principalmente por um movimento latino-americano emergente, que tem como foco entender a modernidade no contexto de uma forma de teoria crítica aplicada a estudos étnicos. Ele foi descrito por Walter Mignolo (2005) como sendo opções analíticas e práticas que confrontam e desvinculam a matriz colonial de poder. Para Candau e Oliveira (2010, p. 24):

Decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber.

Conforme Pizarro (2014), decolonizar é colocar em cheque, se perguntar e problematizar todo e qualquer pensamento com base no eurocentrismo. A história do mundo baseado na história da Europa, como sendo a lógica da civilização

⁴ O grupo é formado predominantemente por intelectuais da América Latina e apresenta caráter heterogêneo e transdisciplinar. As figuras centrais desse grupo são: o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo e teórico cultural argentino-estadunidense Walter Mignolo, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, a linguista estadunidense radicada no Equador Catherine Walsh, o filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado Torres, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, entre outros. O postulado principal do grupo é o seguinte: “a colonialidade é constitutiva da modernidade, e não derivada.” (MIGNOLO, 2005, p. 75). Ou seja, modernidade e colonialidade são as duas faces da mesma moeda. Graças à colonialidade, a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente. (CANDAU e OLIVEIRA, 2010).

ocidental. Decolonialidade é uma resposta à relação de dominação direta, política, social e cultural estabelecida pelos europeus. Isso significa que decolonialidade refere-se a abordagens analíticas, epistemológicas, além de práticas socioeconômicas e políticas que se opõem aos pilares da civilização ocidental: colonialidade e modernidade (QUIJANO, 2005).

Outro conceito muito utilizado pelo GM/C na crítica à colonialidade eurocêntrica é o de transmodernidade. Conforme Dussel (2008), a transmodernidade é um convite para que se produza, a partir de diferentes projetos epistêmicos políticos que existem no mundo hoje, uma redefinição dos muitos elementos apropriados pela modernidade eurocêntrica e tratados como inerentes à Europa, rumo a um projeto decolonial de liberação para além das estruturas capitalistas, patriarcais, eurocêntricas, cristãs, modernas e coloniais.

Segundo Dussel:

Quando falo de transmodernidade estou me referindo a um projeto global que busca transcender a Modernidade da Europa e da América do Norte. Este projeto não é pós-moderno, pois a pós-Modernidade ainda é uma crítica incompleta da Modernidade, feita pelos europeus e pelos norte-americanos. A transmodernidade, ao contrário, é uma tarefa, em meu caso, expressa filosoficamente, cujo ponto de partida é aquilo que foi descartado, desvalorizado e julgado como inútil entre as culturas globais, incluindo a filosofia colonizada ou das periferias. (2008, p. 19-20).

Dussel propõe um projeto de decolonização que utiliza continuamente o pensamento crítico das tradições epistêmicas do Sul⁵. Estermann et al. (2017, p. 22) colaboram com a perspectiva de Dussel:

O tempo atual da educação nos países do Sul é o da decolonialidade, é o tempo de construção de uma educação a partir da/e com a diversidade cultural e linguística que define a identidade dos povos, desse modo buscando superar as pretensões colonizantes do monoculturalismo ocidental e, hoje, global. Uma educação crítica que problematize e reverta a visão universalizante da educação imposta pelo colonialismo e pela visão neoliberal que impera em todo o mundo e nas instituições educativas.

Nessa linha de transformação epistêmica, o semiótico argentino Walter Mignolo (2008) entende que o caminho para o futuro ante a colonialidade é a

⁵ Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes. (SANTOS; MENESES, 2010).

desobediência epistêmica, isto é, a proposição de um “pensamento outro”. Para Mignolo (2008, p. 450): *“La actualidad pide, reclama, un pensamiento decolonial que articule genealogías desperdigadas por el planeta y oferezca modalidades económicas, políticas, sociales y subjetivas otras”*. O pensamento outro “[...] tem como razão de ser e objetivo, a decolonialidade do poder.” (MIGNOLO, 2007, p. 30) e, para isso, é premente

[...] a descolonização epistemológica, a fim de dar um largo passo em direção a uma nova comunicação intercultural, a um intercâmbio de experiências e de significações, como a base de outra racionalidade que possa pretender, com legitimidade, alguma universalidade. (QUIJANO, 1992, p. 447).

Mignolo (2003) destaca que o “pensamento-outro” caracterizado como decolonialidade se expressa na diferença colonial, isto é, um reordenamento da geopolítica do conhecimento em duas direções: a crítica da subalternização na perspectiva dos conhecimentos invisibilizados e a emergência do pensamento liminar, como uma nova modalidade epistemológica na interseção da tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas sob o ocidentalismo e o eurocentrismo. Para Mignolo (2010, p.112), o “pensamento-outro” tem sido chamado de uma forma de “desobediência e reconstrução epistêmica”, um meio de eliminar a tendência provincial para fingir que os modos de pensar da Europa Ocidental são de fato universais, buscando a “[...] libertação social de todo o poder organizado da desigualdade, discriminação, exploração e dominação”.

Na mesma perspectiva, a antropóloga Yehia (2007), coloca que o “pensamento outro” reivindica um posicionamento oposto à episteme racial colonial universalizante. A decolonização cobra um lugar outro, localizado geopoliticamente, contextualizado na vida cotidiana de grupos culturais que mantêm viva a memória e a história, atualizando-se sem perder sua identidade através de práticas sensíveis do ouvir o silêncio do outro.

A opção decolonial não é apenas “[...] uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de estudo, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer.” (MIGNOLO, 2014, p. 44). Isto quer dizer que é uma forma de “[...] viver e conviver com aqueles que acham que a opção decolonial é a deles e com aqueles que tem encontrado opções paralelas e complementárias à decolonial.” (MIGNOLO, 2014, p. 44).

O futebol profissional, fazendo parte do mundo capitalista globalizado, é tratado como um negócio altamente lucrativo, imerso na modernidade. Contudo, apesar de ser um esporte democrático em sua essência, sendo praticado por pessoas no mundo inteiro, o futebol é um dos âmbitos em que se observa com frequência acontecimentos como preconceito racial, xenofobia, violência, dentre outros, em estádios de futebol. Os estádios são locais onde os ânimos se acirram e a capacidade de entendimento, de compreensão moral, ética, por vezes, desaparecem.

2.2 Colonialidade do poder e preconceito no futebol gaúcho

Um dos problemas mais frequentes no mundo esportivo é o racismo sofrido por jogadores, torcedores e árbitros negros no futebol mundial, assim como as atitudes preconceituosas de machismo, homofobia e xenofobia com jogadores, imprensa e torcedores dos mais diferentes lugares. Como exemplos desses problemas de preconceito no futebol moderno, capitalista e globalizado, trazem-se algumas dessas passagens no futebol gaúcho.

Começa-se pelo caso de racismo com o goleiro “Aranha”, do Santos F. C., no jogo Grêmio x Santos em 14/08/2014, em que o goleiro foi chamado de “macaco” por alguns torcedores do Grêmio FBPA. O caso teve repercussão mundial e o Grêmio FBPA perdeu os pontos da partida. Outro episódio de racismo aconteceu no dia 05/03/2014, no jogo Veranópolis e Esportivo, de Bento Gonçalves/RS, em que o árbitro Márcio Chagas da Silva foi vítima de racismo após o jogo, sendo chamado de macaco por alguns torcedores e encontrou seu carro com a lataria arranhada e bananas em cima do veículo. Após este episódio, Márcio Chagas “aposentou o apito”.

Situação corriqueira de manifestações preconceituosas são também os cânticos racistas pronunciados em jogos do Grêmio, por parte de sua torcida, dirigidos à torcida e aos jogadores do S. C. Internacional. Igualmente comuns são atos homofóbicos nas redes sociais, postados por alguns torcedores do Internacional, bem como cânticos homofóbicos, proferidos por parte de sua torcida nos jogos em seu estádio, em provocação à torcida rival do Grêmio FBPA. Cenas de violência entre as “torcidas organizadas” da dupla Gre-Nal também são corriqueiras, quando as duas equipes jogam entre si. Como exemplo pode-se citar o violento confronto nos arredores do

Estádio Beira-Rio, no Gre-Nal do dia 08/08/2014. Nessa ocasião muitos “torcedores” foram presos e alguns ficaram gravemente feridos.

Casos de machismo e sexismo também são frequentes nos estádios gaúchos. No dia 26/03/2018, durante a partida entre São José e Brasil de Pelotas, válida pela semifinal do Campeonato Gaúcho, um torcedor ofendeu a repórter Kelly Costa, do canal “Sportv”, com xingamentos sexistas dirigidos à repórter. Outro caso atual de ofensas às repórteres mulheres nos estádios ocorreu no dia 11/03/2018, antes do clássico Gre-Nal no Beira-Rio. Naquele dia um torcedor colorado agrediu Renata Medeiros, da Rádio Gaúcha, também com xingamentos de cunho machista.

Uma situação recente e inusitada de racismo, homofobia e xenofobia registrada no Rio Grande do Sul aconteceu com o narrador da Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto Denardin. Este ofendeu Miller Bolaños, ex-jogador do Grêmio FBPA, durante um evento, dizendo: “o negão, além de ruim, é veado”, em alusão ao atacante equatoriano. Denardin se desculpou pelo comentário, mas perdeu o patrocínio de uma das empresas anunciantes de seu programa, que qualificou a declaração do narrador como uma “manifestação racista, xenofóbica e homofóbica”. Mas não só de atitudes preconceituosas vive o futebol gaúcho. Também há exemplos de atitudes de combate a todos os tipos de preconceito.

2.3 “Pensamento outro” e atitudes decoloniais no futebol gaúcho

O futebol pode ser um mecanismo, dentro da modernidade, com potencial de contribuir no processo da decolonialidade, pois é praticado por todas as classes sociais e assistido em quase todos os lugares do mundo. Objetivamente, pode ajudar a combater problemas como preconceitos e discriminação, entre outros, além de quebrar a tradicional divisão centro-periferia do sistema-mundo, colocando clubes sul-americanos como centro e grandes potências imperialistas neoliberais como sendo periféricos. Neste sentido de práticas decoloniais, trazem-se para esta pesquisa exemplos realizados no futebol gaúcho.

Uma das primeiras práticas decoloniais que se tem notícia no futebol gaúcho foi, segundo Jesus (2001), a criação da “Liga das Canelas Pretas”, em 1910. A entidade foi formada por negros e mulatos, com a intenção de combate à discriminação racial orquestrada pela elite branca da época.

Em relação a práticas decoloniais e pensamento “outro”, dos dois principais clubes de Porto Alegre, iniciam-se os relatos pelo clube mais velho, o Grêmio FBPA, criado em 1903, que segundo Jesus (2005), está diretamente associado à poderosa comunidade germânica local, caracterizando-o no meio popular como clube elitista e racista. A primeira ação contra o suposto racismo no Grêmio FBPA ocorreu com a inclusão oficialmente na sua equipe de um atleta afro-brasileiro, no ano de 1952, o jogador “Tesourinha”. Dois anos depois, em 1954, o novo hino do clube, de autoria de um negro, Lupicínio Rodrigues, ratifica o projeto de uma nova identidade clubista. Ressalte-se que o Grêmio FBPA é o único clube de futebol do Brasil que homenageia um jogador em estrofes de seu hino, “Eurico Lara”, um “índio” de Uruguaiana/RS.

Outra atitude importante em relação à discriminação racial, envolvendo o Grêmio FBPA, foi a participação do negro Everaldo no time campeão mundial em 1970. Segundo Gerchmann (2015), após sua morte prematura, ele passa a ser representado pela estrela solitária na bandeira do clube desde 1970. Em 2014, o Grêmio FBPA se posicionou fortemente contra o racismo, lançando a *websérie* “Somos Azuis, Pretos e Brancos”. Uma ação relevante e inédita em combate à homofobia nos estádios de futebol foi a criação da torcida *Coligay*, formada por homossexuais e vinculada ao Grêmio FBPA. Segundo Gerchmann (2014), a torcida foi criada em 1977, durante a ditadura militar, em pleno governo do ditador gaúcho Ernesto Geisel. Além dessa ousadia, o grupo desafiou, na época, a cultura machista instalada no “mundo do futebol”.

A mais nova prática decolonial gremista foi a criação da torcida “Tribuna 77”, a qual começou os ensaios no segundo semestre de 2012 e, desde o início, sempre teve o objetivo de lutar pela redemocratização dos espaços de futebol, o resgate e a manutenção do patrimônio histórico e cultural do clube e o combate a todos os tipos de preconceito. Mais do que uma torcida, a Tribuna 77 é, de fato, um movimento. Isso porque a sua lógica de atuação não se limita ao estádio e nem mesmo ao futebol. Existe organização de várias atividades fora do estádio e de dias de jogos. Além dos eventos organizados pela torcida, como o “Sarau da Tribuna 77”, os integrantes participam também de outras atividades sociais, acadêmicas e culturais. Acreditam que a ocupação desses espaços de pensamento potencializa sua linguagem e complementa as mensagens “outras” de forma direta.

O outro principal clube de futebol da cidade de Porto Alegre, não menos importante, é o Sport Club Internacional (S.C.I.), fundado em 04/04/1909. Diferente de seu rival, o Grêmio FBPA, conforme Anjos (2007), o Internacional teria o primeiro registro de um afrodescendente em sua equipe já no ano de 1913, o zagueiro Dirceu Alves. Segundo Coimbra e Noronha (1994), foi no início da década de 40 que se constituiu o famoso time do S.C. Internacional chamado de “Rolo Compressor”. Naquela época o Inter passou a utilizar muitos jogadores afro-brasileiros em seu grupo, além de criar o apelido de “Clube do Povo”, por essa atitude. Em referência à população negra, que compõe a imensa torcida colorada, o clube tem como mascote um “Saci” (personagem mitológico “negro”, de uma perna só, da cultura regional).

Uma atitude importante decolonial realizada pelo S.C. internacional foi quando o clube quis fazer valer na prática o autoproclamado título de “Clube do Povo”: no final do ano de 2016 o clube lançou a categoria “Sócio Popular”. Por meio desta categoria, os torcedores pagam uma mensalidade de dez reais e podem obter, pela mesma quantia, o ingresso para jogos no estádio Beira-Rio. Um movimento muito interessante realizado pelo S.C. Internacional contra a violência no futebol foi o “Vermelho pela Paz”. O Clube do Povo promoveu o I Seminário de Integração das suas torcidas, no qual foram debatidos assuntos pertinentes à pacificação nos estádios de futebol. Além disso, o S.C. Internacional também vem publicando uma série de peças institucionais da campanha em suas redes sociais, com o objetivo de difundir a ideia entre os torcedores, como: “Vamos, juntos, nessa, colorado!”, “Torcida, sim! Violência, não!”, #VermelhoDaPaz e #PazNoFutebol.

Uma ação importante de combate ao machismo no futebol brasileiro é o movimento “#DeixaElaTrabalhar”, liderado por jornalistas gaúchas, em 2018, com o intuito de protestar contra o assédio que as profissionais vêm sofrendo nos estádios pelo Brasil. Essas ações e atitudes propõem que se crie novas comunidades interpretativas da realidade e que ajudem a ver o mundo de uma perspectiva “outra”

2.4 A dupla Gre-Nal e a ruptura com o conceito de sistema-mundo

No mundo globalizado, o futebol profissional é tratado como um negócio altamente lucrativo, imerso na modernidade do sistema-mundo. Como exemplo do futebol no sistema-mundo, o professor Melo (2014) cita a influência e o domínio da FIFA (*Federacion International Football Association*) sobre o futebol. No final dos anos 70, quando o brasileiro João Havelange assumiu a presidência da entidade e mudou radicalmente a postura da organização, passou de uma mera associação esportiva para uma entidade com visão empresarial, o que rendeu contratos bilionários e lucros exorbitantes.

Segundo Melo (2014), o controle da FIFA sobre as federações nacionais inibe o surgimento de alternativas dentro da própria associação, forçando, assim, os países filiados a seguirem a risca as determinações da entidade. A partir do entendimento do conceito de sistema mundo-moderno, observa-se que o futebol possa ser um ponto de referência para que se entendam alguns problemas que ocorrem cotidianamente no mundo inteiro, e desta forma busca-se, através dele, iniciar um processo de descolonização.

Conforme Pizarro (2014, p. 14), “[...] o processo de descolonização é interno, muitas vezes intersubjetivo, contudo o esporte surge como uma maneira de ajudar nesse processo”. Segundo o autor, o futebol possui, para os sul-americanos, um sentimento decolonial, do “sul global” se tornar “norte global” devido à força de suas seleções e de seus clubes em âmbito mundial, fato de alta relevância no processo de descolonização e, inclusive, na própria autoestima de povos periféricos. Apresentam-se, neste “momento do jogo”, exemplos de reconhecimento, empoderamento e quebra do paradigma centro-periferia no mundo do futebol, em que os dois principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul são protagonistas.

Inicia-se, mais uma vez, pelo Grêmio FBPA e seus feitos em nível nacional, sul-americano e mundial. As principais jornadas deste clube aconteceram nos anos 80, 90 e também em 2016/17/18. No século XXI, o clube conta com mais de cem mil sócios pagantes (um dos maiores quadros sociais do mundo). Seus principais títulos internacionais são: Mundial Interclubes 1983; Copa Libertadores da América 1983, 1995 e 2017; Recopa Sul-Americana 1996 e 2018. As principais conquistas nacionais são: Campeonato Brasileiro 1981 e 1996; Copa do Brasil 1989, 1994, 1997, 2001 e 2016, tornando-se o primeiro “Rei de Copas” do Brasil.

O outro grande clube de futebol do sul do Brasil, o S. C. Internacional, também possui em seu quadro social mais de cem mil contribuintes, no século XXI. Os principais títulos internacionais são: Mundial Interclubes 2006, contra o poderoso Barcelona F.C., da Espanha; Copa Libertadores da América 2006 e 2010; Recopa Sul-Americana 2007 e 2011; Copa Sul-Americana 2008. Os principais feitos nacionais são: Campeonato Brasileiro 1975, 1976 e 1979, este último de forma invicta (fato inédito até hoje); Copa do Brasil 1992.

Levando em conta o número de habitantes da cidade de Porto Alegre, a importância econômica do Estado para o país e a relevância dos clubes para o continente sul-americano, tem-se a convicção de que Porto Alegre é uma das cidades mais importantes para o futebol mundial. Em nenhuma outra cidade do mundo existem dois estádios particulares "padrão FIFA". Os clubes são marcas conhecidas em muitos lugares do mundo, possuem mais de cem mil sócios, foram o celeiro de craques mundiais como Falcão, Ronaldinho Gaúcho (melhor do mundo em 2004 e 2005), Renato Gaúcho, Dunga (capitão da seleção brasileira tetracampeã de futebol em 1994), entre outros.

Equipes e cidade (sediou as primeiras edições do Fórum Social Mundial e foi escolhida como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014) realizam práticas decoloniais inéditas, que enchem de orgulho o povo gaúcho. Além disso, Porto Alegre é uma das seis cidades do mundo que possui dois times campeões mundiais de futebol. Mesmo com a desigualdade econômica dos clubes do sul em relação aos do eixo Rio/São Paulo/Minas e a forte migração dos atletas brasileiros para os países do norte global, Grêmio FBPA e S. C. Internacional de Porto Alegre são exemplos vitoriosos e de pujança esportiva a serem seguidos por clubes dos países do sul global, pois essas atitudes "outras" e conquistas sem precedentes contribuem para a autoestima de povos colonizados e escravizados da América do Sul.

3 FIM DE JOGO – Considerações Finais

O pensamento colonial ainda se reproduz na sociedade brasileira, com manifestações veladas e declaradas de discriminação. Nesse contexto, entretanto, o futebol se apresenta como ferramenta e estratégia para a decolonização.

Mesmo com a desigualdade econômica entre os continentes, a América do Sul se nivela à Europa como centro do futebol no mundo. Tanto as seleções nacionais como os clubes sul-americanos são campeões do mundo, disputando sempre com europeus a hegemonia do futebol mundial. Tem-se o Brasil, um país emergente em termos socioeconômicos, como o maior vencedor de futebol de todos os tempos, e como protagonistas de consideráveis “façanhas”, dois clubes de futebol do sul do país – o Grêmio FBPA e o S.C. Internacional –, servindo de modelo para o mundo inteiro.

O futebol, desde suas origens, é uma potente ferramenta de inclusão social e conscientização, além de moldar a identidade e contar a história de diversos povos ao longo dos tempos. Assim, questões como o preconceito racial, a xenofobia, o machismo, a homofobia ou qualquer outro tipo de preconceito ou intolerância devem ser combatidos em qualquer espaço, principalmente nos espaços de futebol.

Os exemplos apresentados neste trabalho atestam a potencialidade do esporte, mais especificamente o futebol, como ferramenta e estratégia para a descolonização em busca de uma atitude “outra”. Entretanto, acontecimentos registrados nos estádios (gestos e palavras) e nas redes sociais alertam para a necessidade de se aprofundar as reflexões e as pesquisas sobre a temática, perseguindo a perspectiva descolonizadora.

Pode ser que a torcida Tribuna 77 seja um desses pilares de mudança. Brasil afora começam a aparecer torcidas que se consideram de cunho antifascista. É preciso pensar em termos plurais, isto é, em torcidas organizadas como movimentos de decolonização. Ou seja, a arquibancada deve permanecer sendo, e talvez seja cada vez mais, lugar de debate sobre assuntos latentes na sociedade. E isso se dará, quem sabe, sob os mais diversos olhares.

REFERÊNCIAS

ANJOS, José Luiz dos. Futebol no Sul: história da organização e resistência étnica. **Revista Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/index>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

BALESTRIN, Luciane. América Latina e giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago., 2013.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

COIMBRA, David; NORONHA, Nico. **História dos grenais**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

DUSSEL, Enrique. "Europa, modernidad y eurocentrismo", em LANDER, Edgardo (coord.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2000.

_____. Anti-meditaciones cartesianas: sobre el origen del anti-discurso filosófico de la modernidad. **Revista Tabula Rasa**, v. 9, p. 153-197, 2008.

ESTERMANN, Josef; GOMES, Sandra; TAVARES, Manuel. Interculturalidade crítica e decolonialidade da educação superior: para uma nova geopolítica do conhecimento. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.3, n.3, set.- dez. 2017, p.17-29.

GERCHMANN, Léo. **Somos azuis, pretos e brancos**. Porto Alegre: Editora LPM, 2015.

_____. **Coligay, tricolor e de todas as cores**. Porto Alegre: Editora Libretos, 2014.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Esporte e mito da democracia racial no Brasil: Memórias de um apartheid no futebol. 2001. [Lecturas: Educación Física y Deportes Revista Digital](#). Disponível em: < [Acesso em: 25 mar. 2018](#).

_____. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Revista Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan./dez. 2005.

MELO, Victor Andrade. O futebol sob a ótica das ciências sociais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 54, n. 4, p. 467-467, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Histórias globais/projetos locais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona, Gedisa Editorial, 2005.

_____. **El Pensamiento Decolonial: Desprendimiento y Apertura**. Un manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUET, Ramón (Orgs.). **El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

_____. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói – RJ, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>>. Acessado 06 de julho 2017.

_____. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo. 2010.

_____. Retos decoloniales, hoy, In: BORSANI, M; QUINTERO, P. (Comps.) **Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar en colectivo**. Neuquén: EDUCO. Universidad Nacional del Comahue, 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

PIZARRO, Juliano Oliveira. **Decolonialidade e futebol**: a quebra da lógica periferia-centro. Trabajo presentado en el Quinto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, “¿Qué ciencia política para qué democracia?”, Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 7-10 de octubre de 2014.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad y modernidad/racionalidade, in: **Perú Indígena**, Lima, vol. 13, n. 29, 1992.

_____. “Colonialidad del poder y clasificación social”. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, 2000, p. 342-386.

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análisis de sistemas-mundo**: una introducción. México: Siglo XXI Editores, 2005.

YEHIA, Elena. Descolonización del conocimiento y la practica. Un encuentro dialógico entre el programa de investigación sobre modernidade/colonialidad/ decolonialidad latino-americanas y la teoria actor-red. **Tábula Rasa**, n. 06, enero-junio, 2007. p. 85-114. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n6/n6a05.pdf> Acessado 13 de agosto 2017 >.